



A Guararavacã do Guaicuí: o paraíso no inferno do sertão

A Guararavacã do Guaicuí: the heaven in hell of sertão

GIANMARCO CATACCHIO

Universidade de Lisboa
Lisboa – Portugal



Resumo: Este artigo pretende analisar um breve episódio do romance *Grande sertão: veredas* de João Guimarães Rosa. Trata-se do episódio da estada no sítio da Guararavacã do Guaicuí, lugar aprazível e bonito, que se contrapõe aos demais lugares do Sertão rosiano, áspers e inóspitos. A permanência do protagonista Riobaldo e dos outros jagunços neste lugar, que toma a conformation de um verdadeiro Paraíso Terrestre, ganha um valor espiritual e metafísico que remete para a tradição mítica da Idade de Ouro e literária do *locus amoenus*.

Palavras-chave: Grande sertão; veredas; Paraíso; Inferno; *Locus amoenus*; Idade de Ouro; João Guimarães Rosa

Abstract: This article analyzes a brief episode in the novel *Grande sertão: veredas* by João Guimarães Rosa. It is the episode of the stay in the site of the Guararavacã do Guaicuí, a beautiful and pleasant place, which is opposed to all the other harsh and inhospitable places in the novel. The permanence of the protagonist Riobaldo and his fellows in this place, which takes the conformation of a true Paradise on Earth, acquires a spiritual and metaphysical value, that goes back to the mythical tradition of the Golden Age and the literary one of the *locus amoenus*.

Keywords: Grande Sertão; veredas; Heaven; Hell; *Locus amoenus*; Golden Age; João Guimarães Rosa

Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo.¹

O sertão é do tamanho do mundo; o sertão é o mundo. Tendo isto bem claro na cabeça, o leitor de *GS:V* que empreenderá a sua pessoal travessia entre as “Veredas” do “Grande Sertão”, encontrar-se-á catapultado no meio de um universo áspero e inóspito. O seu guia e companheiro de viagem será Riobaldo, cavaleiro do sertão, homem humano, cheio de dúvidas, fraquezas e inseguranças, as mais terrenas e sinceras, e, apesar disso, enigmático protagonista de uma nova epopeia. Mundo difícil, este sertão, disseminado de lugares áridos e desérticos, como o Liso do Suçuarão², ou infectos e malsãos, como o Sucruíú.³ E, como se não bastasse a sua hostil geografia, para torná-lo um lugar ainda mais infernal, contribuem os seus habitantes, os homens que o cruzam e que por ele andam, os terríveis jagunços.⁴

O sertão de João Guimarães Rosa é do tamanho do mundo. Arquétipo do mundo inteiro, não pode ser

identificado com um único lugar específico, nele há espaço para tudo, encontra-se aberto a toda possível experiência humana, assim como às encobertas reminiscências da experiência sobre-humana, transcendental. Lugar

¹ João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. Nova Fronteira (26ª edição), Rio de Janeiro, 1956, p. 249. De agora em diante citar-se-á desta edição, indicada por *GS:V*.

² “O Liso do Suçuarão não concedia passagem a gente viva, era o raro pior havente, era um escampo dos infernos. [...] Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Suçuarão, é o mais longe – pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem” (*GS:V*: 25).

³ “Povoado do Sucruíú, onde que estava arranchada a horrorosa doença, por cima da pior miséria. [...] Eu, que estava mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe” (*GS:V*: 343).

⁴ “Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangue-d’Outro, o Muitos-Beijos, o Rasga em-Baixo, Faca-Fria, o Fanchô-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?” (*GS:V*: 3).

simbólico que ultrapassa a sua realidade física exterior, o sertão possui muitas vertentes diferentes e contrastantes umas com as outras:

O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga. Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: rascrava. Demorar comigo ele podia. E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões. A ele vazio assim, como é que eu ia dizer: – “Te arreda desta minha conversa!”?... (GS:V: 432-433)

Entre jagunços andantes e estacionados fazendeiros, há uma outra personagem, importantíssima, que habita o sertão: o Diabo. Personagem enigmática e obscura, impossível de enquadrar, o Diabo sertanejo tem cem nomes, “vige dentro do homem” (GS:V: 3)⁵, está presente sempre que não aparece e existe quando não se manifesta: “Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver” (GS:V: 48). No contexto deste romance, o sertão e o Diabo são a mesma coisa, isto é, são feitos da mesma (não-)substância, identificam-se. Já vimos na citação anterior a aproximação de um ao outro, mas este não é um caso isolado, porque sinais da identidade entre Diabo e sertão aparecem ao longo de todo o texto, em que um eleva-se a “arqui-metáfora” (HANSEN, 2000: 103) do outro.⁶

A quase totalidade das facetas possíveis do lugar sertão, da ideia de *sertão*, no romance é, portanto, negativa, infernal, de alguma maneira ligada à realidade inefável e mercurial do Diabo. A par com todas essas vertentes malignas do sertão, encontra-se, porém, um lugar único e isolado no meio dele, um lugar idílico e belo, como um oásis no deserto: este lugar tem o nome de Guararavacã do Guaicuí.

A Guararavacã do Guaicuí

Uma vez concluído o julgamento de Zé Bebelo, na fazenda Sempre-Verde, o bando de jagunços, que aí se tinha reunido, volta a desagregar-se e cada grupo toma o seu rumo. Riobaldo e Diadorim são integrados no bando de Titão Passos, que recebe a ordem de prosseguir “o mais encostado possível no São Francisco, até para lá do Jequitaiá, e mais” (GS:V: 249), com a missão de “estanciar em certos lugares, com o fito de receber remessas; e em acontecer de vigiar algum rompimento de soldados, que para o Norte entrassem” (GS:V: 249). Seguindo este caminho o bando acaba por deter-se num lugar belo e acolhedor, diferente dos a que as suas andanças de jagunços usualmente costumavam levá-los. Vamos tentar analisar aqui o que esse sítio tem de interessante, a carga simbólica contida na narração da estada nele e como esta se insere no contexto metafísico do romance.

É este um episódio bastante breve, talvez marginal de um ponto de vista quantitativo, mas muito importante se considerado no conjunto da economia narrativa do romance. É interessante, antes de mais, reparar em que ponto do livro este episódio acontece e como se insere na cadeia dos eventos descritos. As poucas páginas – nove na edição citada (GS:V: 250-258) – em que se relata o episódio em análise, encontram-se quase no meio do livro. Diga-se desde já que, nas palavras do próprio Riobaldo, a Guararavacã não é o centro geográfico do sertão, sendo este apelativo reservado para a Fazenda Sempre-Verde, lugar do julgamento de Zé Bebelo, “no centro do sertão” (GS:V: 248). A peculiaridade do lugar da Guararavacã é mais simbólica do que geográfica. Um indicador disto pode ser encontrado nas palavras que de alguma maneira abrem o episódio: “Mas saímos, saímos. Subimos” (GS:V: 250). O lugar da Guararavacã, pode-se dizer, encontra-se fora do espaço habitual da realidade sensível e para cima dele. O movimento necessário para alcançá-lo, portanto, é um movimento para fora e um movimento ascendente. Para chegar lá, o bando de jagunços deve sair da realidade imanente do sertão e subir para uma realidade transcendente, a de um lugar que ocupa simbolicamente um espaço “outro”, no patamar dum paraíso. Uma vez concluído este percurso, que poderíamos chamar de afastamento espiritual, eis que finalmente os jagunços vêm embater num lugar formoso e aprazível. Diz Riobaldo:

Lugar perto da Guararavacã do Guaicuí: Tapera Nhã, nome que chamava-se. Ali era bom? Sossegava. Mas, tem horas em que me pergunto: se melhor não seja a gente tivesse de sair nunca do sertão. Ali era bonito, sim senhor. (GS:V: 250)

Um aspecto muito importante do episódio da Guararavacã está ligado ao seu nome. Francis Utéza no seu *Metafísica do Grande sertão* propõe uma explicação etimológica para este topónimo: “*Coarar vacã*: viver no *dolce farniente*, no tempo livre; *Guaicuí*, em Tupi, *Rio das Velhas*, o rio das Mães” (UTÉZA, 1994: 394).⁷ Tal etimologia para o nome Guararavacã encontrar-se-ia

⁵ O Diabo não é o único, porém, que vive dentro das pessoas: Também o “Sertão: é dentro da gente” (GS:V: 270).

⁶ Muitas vezes no romance acontece que, quando Riobaldo fala de um, logo a seguir aparece o outro, quase como numa associação livre destas duas ideias. Exemplar é o episódio da batalha final do Tamandua-Tão, no qual Riobaldo tenta xingar Satanás, sem conseguir, porém, pronunciar o seu nome. A única palavra que lhe sai é sertão: “E, então, eu ia denunciar nome, dar a cita: ...*Satanão!* Sujo!... e dele disse somentes – S... – *Sertão...* *Sertão...*” (GS:V: 523).

⁷ Explica ele, depois, num outro artigo, que “O verbo *Coarar* é atestado no Dicionário de Moraes como brasileiro e regionalismo açoriano; *vacã*, possível deformação do adjetivo *vacante*, está em relação direta com o verbo *vacar* que encontramos numa anotação pessoal de Guimarães Rosa, com o seguinte sentido: pairar o tempo” (UTÉZA, 1998: 132n). No mesmo artigo ele também adianta que “nome de tapera *Nhã* introduz uma sutil referência à mãe” (UTÉZA, 1998: 131).

completamente em acordo com a maneira como Riobaldo fala dele: “Não se tinha perigos em vista, não se carecia de fazer nada” (*GS:V: 250*). Riobaldo convida o leitor a *saborear* o nome deste lugar, através de todos os sentidos, para fixá-lo na memória: “Guararavacã – o senhor veja, o senhor escreva. [...] Guararavacã. O senhor vá escutando” (*GS:V: 252*). Assim comenta Utéza:

O primeiro elemento, *Guararavacã*, é repetido três vezes para ser fixado – *veja, tome nota* – tanto na sua forma escrita – *o senhor escreva* – como oral – *vá escutando*. Trata-se de mobilizar o máximo de capacidade do narratário – visual, manual, auditiva – para ele se focalizar num topônimo aqui equiparado ao eventual cenário do fim do mundo. (UTÉZA, 1998: 132)

A Guararavacã, então, possui um valor lendário, atemporal, é algo que permanece imóvel no meio do líquido fluir dos demais lugares sertanejos. Por isso é tão importante memorizar o seu nome, ancorar-se na lembrança da sua existência. A Guararavacã, porém, vê o seu nome mudado, já não existe. Conta Riobaldo:

A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota deste nome. Mas, não tem mais, não encontra – de derradeiro, ali se chama é Caixeirópolis; e dizem que lá agora dá febres. Naquele tempo, não dava. Não me alembro. [...] Agora, o mundo quer ficar sem sertão. Caixeirópolis, ouvi dizer. Acho que nem coisas assim não acontecem mais. Se um dia acontecer, o mundo se acaba. (*GS:V: 252*)

O lugar mítico da Guararavacã do Guaicuí transforma-se assim na bem mais prosaica cidade dos caixeiros – Caixeirópolis – e a mudança de nome é uma consequência da tentativa moderna de *acabar com o sertão*. Aquele que era um lugar imaterial de prazer e bem-estar, torna-se um espaço concreto e delimitado, que ainda por cima provoca doenças, dá febres. A Guararavacã representa, então, o lugar perdido, que já não pode ser encontrado, uma espécie de *paraíso*, o lugar de outrora, do tempo inefável em que a unidade do mundo ainda existia. Impossível voltar a esse tempo, ao tempo do mito, ao menos sem ter que sair da ordem natural das coisas. Se a condição mítica da estadia na Guararavacã voltar a existir, diz Riobaldo, o mundo vai acabar.

A Idade de Ouro

Os jagunços ficaram na Guararavacã durante cerca de dois meses; conta Riobaldo: “Segundo digo, o tempo que paramos na Guararavacã do Guaicuí regulou em dois meses. Bom ermo” (*GS:V: 255*). Durante este tempo nesse *bom ermo*, os jagunços encontraram-se numa condição

completamente nova, diferente daquela em que o leitor está acostumado a vê-los, nas suas incessantes andanças de uma ponta à outra do sertão, num perene estado de guerra. Eles ficam aí parados, sem fazer nada e sem nada esperar:

Titão Passos determinou uma esquadrazinha deles – com Alaripe em testa: fossem para a outra banda do morro, baixada própria da Guararavacã, esperar o que não acontecesse. Nós ficamos. (*GS:V: 250*)

Era esse, pois, o lugar do lazer, em que não se tinha que fazer nada, o lugar da inatividade regozijante, da ausência da ação: “O que, por começo, corria destino para a gente, ali, era: bondosos dias” (*GS:V: 250*). Como escreve ainda Utéza, “Neste paraíso, a natureza basta às necessidades do homem, sem que este tenha de fazer esforços” (UTÉZA, 1994: 394). Efetivamente lá os jagunços não precisavam de se esforçar para satisfazer as necessidades diárias, como, por exemplo, ter comida, “Todo dia se comia bom peixe novo, pescado fácil: curimatã ou dourado; cozinheiro era o Paspé – fazia pirão com fartura, e dividia a cachaça alta. Também razoável se caçava” (*GS:V: 250*). No prazer do ócio, entre eles instauravam-se até sentimentos fraternos: “A vigiação era revezada, de irmãos e irmãos, nunca faltava tempo para à-toa se permanecer. Dormi, sextas inteiras, por minha vida” (*GS:V: 250*).

O conjunto de imagens evocadas por esse episódio remete para uma antiquíssima tradição mítica: a da Idade de Ouro. Idade de Ouro é o nome de um tempo mítico de abundância e prosperidade em que os homens viviam antes do tempo atual. Naquela era os homens viviam em paz e não careciam de cultivar a terra, nem de caçar o seu alimento, porque a terra produzia espontaneamente tudo o que os seres humanos necessitavam. Não era preciso procurar abrigos contra o calor ou contra o frio porque a Natureza era amiga do ser humano. Não havia guerra na Idade de Ouro e os homens viviam na alegria e na falta de preocupações. A primeira referência à Idade de Ouro encontra-se nos escritos do poeta grego antigo Hesíodo (VIII-VII séc. a.C.), nos quais ele narra a origem mítica do mundo. Num tempo remoto, antes do advento dos deuses olímpicos, chefiados por Zeus, o titã Cronos sentava no trono do universo. Era essa a Idade de Ouro, uma época feliz de prosperidade, assim descrita no poema *Trabalhos e Dias*:

De ouro era a primeira geração de homens mortais criada pelos imortais que habitam as moradas Olímpicas. Eram do tempo de Cronos, quando ele reinava no céu; como deuses viviam, com o coração liberto de cuidados, longe e apartados de penas e misérias. Sem a presença da triste velhice, sempre igualmente fortes de pés e de braços, alegravam-se em festins, a recato

de todos os males. Morriam como se vencidos pelo sono. Todos os bens tinham à disposição: para eles, a terra fértil produzia frutos espontaneamente, muitos e copiosos; e eles, contentes e tranquilos, partilhavam os trabalhos com alegrias infinitas, ricos em rebanhos, queridos aos deuses bem-aventurados. (HESÍODO, *Trabalhos e dias*, v. 109-120)

O mito da Idade de Ouro manteve-se vivo na tradição literária ocidental e referências a ele encontram-se em muitos textos de numerosos autores, entre os quais Virgílio, Platão, Ovídio e Dante Alighieri. Em *GS:V*, no episódio da Guararavacã, até existem referências mais ou menos implícitas ao ouro desta idade mítica. Riobaldo fala dos campeiros, moradores das cercanias de tal lugar, que viam os jagunços permanecerem de folga durante muito tempo; não podendo explicar o que eles faziam aí, esses “homens tão simples, pensaram que a gente estava garimpando ouro” (*GS:V*: 257).

Os jagunços não são, porém, os únicos a se encontrarem num estado de ócio e de edênica desnecessidade de ação. A própria natureza encontra-se em sintonia com eles. As coisas e os animais parecem quase andar à toa, sem meta nem rumo:

Madrugar vagaroso, vadiado, se escutando o grito a mil do pássaro rexenção – que vinham voando, aquelas chusmas pretas, até brilhantes, amanheciam numa restinga de mato, e passavam, sem necessidade nenhuma, a sobre... (*GS:V*: 250).

O lugar da Guararavacã configura-se, assim, como um lugar mítico e paradisíaco, aespacial e atemporal, fora da realidade comum e concreta, um Lugar Ideal:

A fuga para fora do espaço contingente substituído pelo Espaço Ideal, ao lado da Mulher Ideal e do Amigo Ideal, corresponde ao vôo no ‘puro tempo’ do Paraíso Eterno: o sonho logo encontra uma tradução plástica nas lembranças do Guararavacã do Guaicuí, onde, antes do assassinato de Joca Ramiro, Riobaldo e Diadorim passaram dois meses felizes. (UTÉZA, 1994: 250)

Este lugar celestial não é, porém, um lugar vago, indefinido; pelo contrário ele possui uma aparência bem delineada e concreta que, veremos, respeita inteiramente os traços do lugar idílico da literatura clássica: a Arcádia. Região realmente existente, na Grécia, a Arcádia foi idealizada pela poesia e mitologia clássicas até ser identificada com o lugar mítico teatro da Idade de Ouro. A Arcádia literária era um lugar bonito e agradável, em que a Natureza espontaneamente doava ao homem tudo aquilo de que precisava, era um *locus amoenus*.

***Locus amoenus* ou paraíso terrestre?**

O lugar da Guararavacã do Guaicuí tem todo o aspecto do *locus amoenus* da tradição literária. Ainda uma vez é Francis Utéza a sublinhar como este lugar “marcava um parêntese entre os dois ciclos da aventura coletiva. Este espaço em que os jagunços se imobilizam apresenta todas as características do *Locus Amoenus* onde o Céu espousa a Terra” (UTÉZA, 1994: 393). Oportuno será, neste ponto, esclarecer o que o conceito de *locus amoenus* é e o que é que significou ao longo da tradição literária ocidental. Nesta tarefa, valioso é o contributo do volume *Literatura Européia e Idade Média Latina*, no qual o seu autor, Ernst Robert Curtius, analisa a história cultural da civilização ocidental a partir do conceito de *tópoi* literários, ou seja, temas literários, de natureza dialética ou retórica, comuns e recorrentes em todas as literaturas europeias. Nesta obra fundamental ele identifica, entre muitos outros, o *tópos* de *locus amoenus*, que assim descreve:

O *locus amoenus* (lugar ameno), [...] desde a época imperial até o século XVI, constitui o motivo principal de toda descrição da Natureza. [...] É uma bela e ensombrada nesga da Natureza. Seu mínimo de apresentação consiste numa árvore (ou várias), numa campina e numa fonte ou regato. Admitem-se, a título de variante, o canto dos pássaros e flôres, quando muito, o sopro do vento. (CURTIUS, 1957: 202)

A Arcádia foi um *locus amoenus*, talvez o primeiro e mais conhecido, mas muitos outros diferentes apareceram ao longo de séculos de tradição literária. A descrição geral do *locus amoenus* possui numerosas similitudes também com a que é feita, no *Gênesis*, do Paraíso Terrestre, o Jardim do Éden:

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. (*Gênesis*, 2, 8-10)

Paraíso sagrado ou terreno lugar ameno, é preciso notar que a descrição que Riobaldo faz do lugar da Guararavacã do Guaicuí muito se aproxima das duas acabadas de citar, e que nela aparecem praticamente todos os elementos idílicos indicados por Curtius: as terras férteis, as águas correntes, as árvores verdes, os pássaros.

Ao quando um belo dia, a gente parava em macias terras, agradáveis. As muitas águas. Os verdes já estavam se gastando. Eu tornei a me lembrar daqueles

pássaros. O marrequis, a garrixa-do-brejo, frangos-d'água, gaivotas. O manuelzinho-da-croa! Diadorim, comigo. As garças, elas em asas. O rio desmazelado, livre rolador. E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta, pasto de muito gado. (*GS:V*: 250)

Não são só esses, porém, os únicos elementos que, dentro desse episódio, permitem uma associação entre o lugar da Guararavacã do Guaicuí e o *locus amoenus*. Pelo contrário, existem numerosos outros que aproximam os dois lugares míticos. O *locus amoenus* é geralmente um lugar fechado, frequentemente cercado por um rio; assim acontece também na Guararavacã:

O tanto assim, que até um corguinho que defrontei – um riachim à-toa de branquinho – olhou para mim e me disse: – Não... – e eu tive que obedecer a ele. Era para eu não ir mais para diante. O riachinho me tomava a bênção. (*GS:V*: 251)

Diz ainda Riobaldo que, neste lugar plácido, os bois “às vezes chegavam a nado até em cima duma ilha comprida, onde o capim era lindo verdejo” (*GS:V*: 250). O tema da ilha está igualmente presente na representação clássica dos *loci amoeni*. Pois há, por exemplo, um poema do poeta grego Teócrito no qual, como reporta Curtius, ele descreve um *locus amoenus* em que “O curso do rio é constante e tranquilo; aqui e ali forma uma pequena ilha” (CURTIUS, 1957: 205).

Os bois também fazem parte desta cena de vida idílica campestre, companheiros ociosos da tranquilidade da vida de pastores e camponeses. Escreve Virgílio nas suas *Bucólicas*: “Mas tem vida inocente e sossegada, Vária abundância, em francos prédios ócio, Amenos Tempes, grutas, vivos lagos, Bois a mugir, ao fresco brandos sons” (CURTIUS, 1957: 206).

Também na Guararavacã, como vimos, os bois não faltam e, como em Virgílio, contribuem para a idealização do lugar, pela sua capacidade de inspirar sentimentos plácidos e positivos no espectador: “O gado ainda pastava, meu vizinho, cheiro de boi sempre alegria faz” (*GS:V*: 253).

Um outro elemento que acompanha a serena existência dos pastores nas amenas paisagens bucólicas é a poesia. Pois, na mítica vida ociosa que lá se conduzia, o homem podia dar livre curso às suas inclinações artísticas. Diz Curtius:

“Poetar” sob as árvores, num leito de relva, junto da fonte – eis um motivo poético elaborado desde logo pelo próprio helenismo. Para isso, impõe-se um enquadramento sociológico: uma classe profissional, que viva ao ar livre ou no campo, longe da cidade, e tenha lazeres e ensino de poetar, possuindo além disso

um instrumento musical primitivo. É o que não falta aos pastores. (CURTIUS, 1957: 194)

Em *GS:V* talvez não haja pastores a *poetar*, mas os jagunços, durante a sua estadia na Guararavacã, também revelam o seu lado lírico:

E o Liduvino e o Admeto cantavam coisas de sentimento, cantavam pelo nariz. Ao que perguntei: e aquela canção de Siruiz? Mas eles não sabiam. – ‘Sei não, gosto não. Cantigas muito velhas...’ – eles desqueriam. (*GS:V*: 257)

Ao ouvir as cantigas cantadas pelos outros jagunços, despertam-se em Riobaldo as lembranças da canção de Siruiz, uma música que tinha ouvido antes de entrar na jagunçagem.⁸ Repisando a antiga unidade que havia entre essas duas formas de arte – música e poesia – a canção de Siruiz carrega para Riobaldo como uma reminiscência da essência da poesia, reconduz a uma condição *outra* da existência, algo que ele nunca consegue explicar-se completamente, mas que sempre deixou um rasto dentro da sua memória: “aquele rapaz Siruiz, que cantava cousas que a sombra delas em meu coração decerto já estava” (*GS:V*: 152). A canção de Siruiz em *GS:V* representa a poesia.

O tempo sem tempo

A estadia na Guararavacã possui o valor de uma experiência quase mística, de abandono da condição limitada do *Eu*, para uma entrada em comunhão com a realidade circunstante. Riobaldo perde a noção do tempo e do conhecimento:

O que é de paz, cresce por si: de ouvir boi berrando à forra, me vinha ideia de tudo só ser o passado no futuro. Imaginei esses sonhos. Me lembrei do não-saber. E eu não tinha notícia de ninguém, de coisa nenhuma deste mundo – o senhor pode raciocinar. (*GS:V*: 250-251).

Utéza recolhe o convite de Riobaldo a raciocinar e assim escreve:

Raciocinemos portanto: o mugido do boi tem funcionado como mantra, facilitando uma projeção para fora “deste mundo”, na globalidade do Instante, em que não se diferencia o passado do futuro, onde “lembrando-se do não-saber”, numa ilustração disfarçada da teoria platônica da Reminiscência, o eu adquire de imediato o Conhecimento. (UTÉZA, 1998: 131)

⁸ Eis a letra da canção de Siruiz: “Urubu é vila alta, / mais idosa do sertão: / padroeira, minha vida – / vim de lá, volto mais não... / Vim de lá, volto mais não?... / Corro os dias nesses verdes, / meu boi mocho baetão: / buriti – água azulada, / carnaúba – sal do chão... / Remanso de rio largo, / viola da solidão: / quando vou p’ra dar batalha, / convido meu coração...” (*GS:V*: 100).

Na Guararavacã Riobaldo começa a conhecer o caminho metafísico do saber transcendente, do *não-saber*. Nesta espécie de estadia fora do mundo sensível ele compreende a limitação da condição humana e tenta quase afastar-se dela, ou seja, do conhecimento racional. Ele admira, ao contrário, o estado de Natureza, diferente do humano, que provoca nele uma mudança de perspectiva, um despojamento do pensamento lógico, até chegar a comentar que “o bom da vida é para o cavalo, que vê capim e come” (*GS:V*: 251). O meio para alcançar esta forma de existência *outra*, simbolizada pela Natureza, é, para Riobaldo, o sonho: “Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flor” (*GS:V*: 251).

No sonho, o homem pode tentar sair do seu *Eu* limitado e entrar num *estado de Natureza*, onde os limites do *ser* quebram-se e as portas da percepção ultrasensível abrem-se ao sujeito. Riobaldo, desta maneira, percebe que há algo de recôndito, de inexplicável, na condição em que se encontra a viver no lugar da Guararavacã, algo que não pode ser entendido através do conhecimento racional, do pensamento. Finalmente, ele chega a encontrar uma razão para este seu captar algo de misterioso ao seu redor, que não consegue explicar nem a si mesmo. Olhando para os olhos verdes de Diadorim, ele diz:

Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a ideia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre. (*GS:V*: 252)

Riobaldo reconduz à sua ambígua paixão amorosa por Diadorim a razão destes seus enigmáticos sentimentos, inclusive um sentimento de culpa, não justificado por algum crime concretamente cometido por ele: “Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter” (*GS:V*: 251).

A Guararavacã do Guaicuí atinge assim o patamar de lugar do destino, no qual o jagunço encontra o seu rumo predestinado, sem ter, porém, a capacidade de reconhecê-lo no momento. O futuro de Riobaldo fica marcado pelos impetuosos tumultos interiores que, em ocasião da estadia nesse lugar, acontecem dentro dele e assim podemos compreender as suas palavras, quando diz: “Foi nesse lugar, no tempo dito, que meus destinos foram fechados. Será que tem um ponto certo, dele a gente não podendo mais voltar para trás?” (*GS:V*: 251). No lugar da Guararavacã Riobaldo descobre o verdadeiro motor dos acontecimentos da sua vida, aquela coisa que o empurra a agir e a tomar decisões, aquela *matéria vertente* que realmente se encontra, em profundidade, na base de todas as suas ações e pensamentos: o *amor*. A Guararavacã do Guaicuí é o lugar de “as grandes coisas, antes de acontecerem” (*GS:V*: 251).

O lugar do amor

Voltamos a Curtius e à sua descrição do *locus amoenus*, na qual afirma que, desde o seu aparecimento na tradição literária ocidental, esse *tópos* esteve sempre ligado à ideia de prazer, de amor. O adjetivo *amoenus*, ‘ameno’, ‘aprazível’ “é o qualificativo constante de Virgílio para ‘bela’ Natureza. O comentador Sérvio relaciona o vocábulo com *amor* (a mesma relação que existe entre ‘amor’ e ‘amável)”. “‘Lugares amáveis’ são os que só servem para o gôzo, logo, que não são cultivados para fins utilitários” (CURTIUS, 1957: 199). O *locus amoenus*, pela sua própria conformação física, é um espaço particularmente favorável ao surgimento do amor, encontra-se ligado fortemente à experiência amorosa, é um lugar propício para o eros e a paixão: “Enfim, a vida pastoral está ligada à Natureza e ao amor. Pode afirmar-se que, durante dois milênios, atraiu a maioria dos motivos eróticos” (*GS:V*: 195). Ora, este sentimento de atração sexual encontra-se fortemente presente também no lugar da Guararavacã do Guaicuí, tanto em Riobaldo, como nos outros jagunços. Logo quando aí chegam, ele diz: “Eu queria uma mulher, qualquer. Tem trechos em que a vida amolece a gente, tanto, que até um refferver de mau desejo, no meio da quebreira, serve como benefício” (*GS:V*: 251). Utéza explica que “o desejo de mulher que aparece aqui ultrapassa a componente sexual terrestre que o narrador aponta em primeiro lugar – e a prova será dada por esta imagem irreal de Diadorim, em que se sublima o sexo” (UTÉZA, 1994: 394).

É também nesse lugar que Diadorim manifesta o seu lado feminino, brinca com as crianças, mostra-lhe os pássaros mais bonitos: “Diadorim gostava deles, pegava um por cada mão, até carregava os menorzinhos, levava para mostrar a eles os pássaros das ilhas do rio. – ‘Olha, vigia: o manuelzinho-da-croa já acabou de fazer a muda...’” (*GS:V*: 256).⁹ A Guararavacã, porém, na economia amorosa de *GS:V* possui uma importância ainda maior porque é mesmo aí que Riobaldo descobre a sua paixão por Diadorim: “Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora” (*GS:V*: 252). O próprio Riobaldo, porém, não dá um juízo negativo a este seu amor alegadamente homossexual. Comenta Utéza que:

Nesta realidade desconhecida, a razão inscreve a negatividade dum julgamento de valor fundado nos critérios machistas do meio e se aplica apenas a restringir seu alcance, limitando-a exclusivamente

⁹ Entre os pássaros, “o *manuelzinho* representava a quintessência do amor – o *passarinho lindo de mais amor*” (UTÉZA, 1994: 250).

ao nível da “amizade viril”. Nem por isso deixa de transmitir o principal ensinamento do Guararavacã: neste meio em que reencontrou as origens, Riobaldo-Tatarana identificava sua própria essência feminina num Diadorim idealizado, cujo nome guardava um poder mágico de *mantra*. (UTÉZA, 1994: 394)

Pois, Riobaldo encontra-se a repetir o nome de Diadorim, como se o facto de pronunciar o seu nome se tornasse uma maneira de manifestar a sua paixão amorosa. O seu amor, ao revelar-se concretamente, torna-se algo de inefável e etéreo, como relata Riobaldo nesta longa e decisiva passagem, em que Diadorim perde a sua exterioridade física e real e torna-se um objecto de amor idealizado, já não pessoa humana, mas *neblina*:

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escondeu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entreonde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim-que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. Eu devia de ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas – de dentro de mim: uma serepente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava. (GS:V: 254)

Aparece neste trecho uma imagem peculiar, a da serpente, a simbolizar a carga erótica do episódio. O valor simbólico da serpente tem uma dupla conotação, segundo quanto Walnice Nogueira Galvão comenta no seu *As formas do falso*:

A medida que a narração acompanha a ampliação da descoberta, igualmente as figuras fálicas impregnam a linguagem; o *mel todo lambente*, a *chuva-entre-onde-os-campos*, e afinal a *serepente*, dão conta da carne dos sentimentos numa verdadeira mimese fisiológica, a par com a carga – positiva – de dulçor e renovação vital, e a carga negativa de algo repelente, venenoso. (GALVÃO, 1972: 103)

A serpente, porém, pode também representar a tentação que Riobaldo não consegue domar e assim remeter para a serpente bíblica que causou a expulsão de Adão e Eva do Paraíso Terrestre. Como se, com o seu amor, Riobaldo tivesse desobedecido a um mandamento

divino, ele sente a inquietude e o desassossego causados pela consciência de estar em falta, de sentir uma paixão inadmissível e de facto não admitida: “‘Se é o que é’ – eu pensei – ‘eu estou meio perdido...’ Acertei minha ideia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo” (GS:V: 254). A “punição divina” pressentida com essa inquietação será a saída do lugar da Guararavacã.

A expulsão do Paraíso

Ao cabo de dois meses, chega, enfim, o momento em que Riobaldo e Diadorim, e com eles os jagunços, são expulsos do seu paraíso na Guararavacã¹⁰, tal como Adão e Eva foram expulsos do Paraíso Terrestre. Os jagunços, aliás, pela própria natureza ativa do seu estilo de vida habitual, não conseguiriam permanecer parados num lugar sem fazer nada. Existem, ao longo do episódio, sinais dessa impaciência deles. Diz-se: “‘A gente carecia era de dar um fogo, de sair por aí, por combate...’ – sensato se dizia. Que jagunço amolece, quando não padece” (GS:V: 256). O próprio Riobaldo sofre dessa condição e tenta uma fuga: “Um dia, sem dizer o que a quem, montei a cavalo e saí, a vão, escapado. Arte que eu caçava outra gente, diferente” (GS:V: 251).

Não é, porém, só a agitação dos jagunços que assinala a impossibilidade de eles permanecerem neste lugar idílico. Também o ambiente circundante – no início tão paradisíaco e ameno – a partir de um certo momento, começa a lançar os primeiros sinais de que algo de mau vai acontecer. Primeiro, o demónio começa a aparecer, ameaçador, com a sua encoberta presença, nos discursos de Riobaldo, mesmo sob a forma de Romãozinho, o diabo menino¹¹:

E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. Um que é o romãozinho, é um diabo menino, que corre adiante da gente, alumiando com lanterninha, em o meio certo do sono. (GS:V: 251)

¹⁰ “Mas os jagunços são expulsos do Paraíso pela notícia do assassinato de Joca Ramiro, que os atira outra vez nas veredas da guerra.” (UTÉZA, 1994: 395).

¹¹ “Romãozinho é uma criatura do folclore brasileiro. Ele é um menino, filho de um agricultor e já nasceu mau e pérfido. Ele sempre gostou de maltratar os animais e destruir as plantas. Uma vez, sua mãe mandou-o levar o almoço ao pai, que trabalhava na roça. Ele foi de má-vontade. No meio do caminho, ele comeu a galinha, colocou seus ossos na marmita e levou-a ao pai. Quando o pai viu os ossos em vez da comida, ele perguntou o que aquilo significava. Romãozinho, perfidamente, disse: – Deram a mim isso... Eu penso que minha mãe comeu a galinha com o homem que vai a nossa casa quando você não está lá, e enviou-lhe somente os ossos. Enlouquecido de raiva, o pai voltou logo para casa, puxou do punhal e matou a esposa. Antes de morrer, a mãe amaldiçoou o filho que ria, dizendo: - Você não morrerá nunca! Você não conhecerá o céu ou o inferno, nem repousará enquanto existir um vivente sobre a terra! Romãozinho riu ante a maldição e foi embora. Desde então, o menino nunca cresceu, anda pelas estradas e faz travessuras: quebra as telhas dos telhados a pedradas, assusta os homens e tortura as galinhas” (“Romãozinho” *Wikipédia, a enciclopédia livre*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Romãozinho> [consultado em 27-07-2011]).

Depois os bois começam a morrer: “com o secar, de magros e fracos os bois se atolavam no embrejado, até morreram alguns. Os urubus espaceavam, quando o céu empoeirado” (*GS:V: 256*), o céu escurece e se carrega de chuva e trovoada: “daí, deu um sutil trovão. Trovejou-se, outro. As tanajuras revoavam. Bateu o primeiro toró de chuva” (*GS:V: 257*). Finalmente, a terrível notícia do assassinato de Joca Ramiro chega ao acampamento dos jagunços:

Ah, e, vai, um feio dia, lá ele apontou, na boca da estrada que saía do mato, o cavalinho castanho dava toda pressa de vinda, nem cabeceava. Achamos que fosse mesmo ele. Aí, não era. Era um brabo nosso, um cafuz pardo, de sonome o Gavião-Cujo, que de mais norte chegava. [...] O Gavião-Cujo levantou um braço, pedindo prazo. À fé, quase gritou:
– “Mataram Joca Ramiro!...” (*GS:V: 258*)

Quem vai anunciar o acontecido é o Gavião-Cujo, nome significativo, pois o gavião é uma ave de rapina, que também pode ser vista como ave mensageira, e Cujo contém em si uma vertente maléfica, pois é este um dos nome utilizados para indicar o Diabo.¹²

Informados da morte do seu chefe, os jagunços são empurrados, à maneira de quem acorda de um sonho, fora do ambiente onírico da Guararavacã do Guaicuí e são obrigados a voltar à realidade áspera e brutal do sertão. Enfurecidos irão percorrer o sertão de cima para baixo, à

procura dos *Judas* – Hermógenes e Ricardão, assassinos de Joca Ramiro –, mas dentro de si levarão a lembrança de um lugar especial, diferente de todos os outros, um lugar em que, como diz Riobaldo, passaram um tempo místico e excepcional de felicidade: “Eu sou donde eu nasci. Sou de outros lugares. Mas, lá na Guararavacã, eu estava bem” (*GS:V: 253*).

Referências

- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média Latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HANSEN, João Adolfo. *A ficção da literatura em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.
- UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande sertão*. Tradução de José Carlos Garbuglio. São Paulo: EDUSP, 1994.
- UTÉZA, Francis. Realismo e transcendência: o mapa das minas do grande sertão. In: *Scripta*, CESPUC, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2º semestre de 1998.

Recebido: 02 de dezembro de 2011
Aprovado: 20 de dezembro de 2011
Contato: gianmarco-c@libero.it

¹² “Em ocasião, conversei com um rapaz seminarista [...] proseou que ia adjutorar o padre, para extrair o Cujo, do corpo vivo de uma velha, na Cachoeira-dos-Bois, ele ia com o vigário do Campo-Redondo...” (*GS:V: 10*).